REVISTA

DO

MUSEU E ARCHIVO PUBLICO

DO

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - BRASIL

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
www.etnolinguistica.org

Os Coroados da Provincia brasileira do Rio Grande do Sul

Por

REINALDO HENSEL.

A provincia do Rio Grande do Sul acha-se situada no extremo sul do Brasil, ao sul do curso superior do Uruguay. Ella pertence ás provincias daquelle paiz cujo territorio variado se compõe de pastagens, campo e matto; entretanto, predomina o primeiro, estendendo-se para sul e leste até as planicies de Uruguay e Corrientes e tambem ao Pampa na Republica Argentina. *)

Nada sabemos de definitivo, sobre os habitantes primitivos desta região antes da descoberta da America, só podemos suppor que a sua disseminação naquella epoca fosse notavelmente differente que posteriormente. Com a introducção do cavallo pelos hespanhoes transformou-se completamente a situação dos indios habitantes do extremo sul da America.

As extensas esteppes que não podiam proporcionar ao caçador grande exploração de animaes de caça, nem ao colono estabelecido colheita lucrativa para recompensar seu trabalho, com a propagação do cavallo perdeu o seu caracter inaccessivel e solitario. E' evidente o alto grau de intelligencia dos

*) Com referencia á situação geographica da Provincia queiram reportar-se á minha obra «Contribuições para melhor conhecimento da Provincia brasileira do Rio Grande do Sul» na «Revista Geographica» Berlim 1867 pag. 227.

habitantes primitivos dessa região, por terem elles tão rapidamente reconhecido a importancia do cavallo e se habituado a servir-se delle, de modo que, decorrido curto lapso de tempo, eram citados como os primeiros cavalleiros do mundo. O cavallo lhes abriu o caminho nas esteppes, e os indios, até então reduzidos a andar nos rios e mattos, se transformaram naquelles ousados flibusteiros que ainda hoje causam horror á população branca dos Pampas.

Actualmente ainda se carece de indicio positivo para distinguir estas tribus do extremo sul das tribus Guarany e Tupy, porem é caracteristico das mesmas, terem se habituado ao cavallo e mais ou menos a uma vida nomade.

Parece que a provincia do Rio Grande do Sul nunca foi preferida por estes indios errantes do campo. O terreno montanhoso ondeado, interrompido por elevações cobertas de matto, a pastagem peior, e talvez tambem as colonias prematuras da raça branca, foram um impecilho para os nomades. Parece que a maioria dos habitantes primitivos da provincia se compunha de Guaranys estabelecidos ha mais tempo. Principalmente na zona noroeste denominada «Missões» elles foram, assim como no Paraguay, introduzidos e civilisados pelos jesuitas. Em toda a parte no Rio Grande do Sul se depara nomes pertencentes ao Guarany, por exemplo, os nomes dos rios Gravatahy, Cahy (hy — a agua), Capivary (assim chamado de Hydrochoerus capybara). Os nomes de plantas, principalmente os de arvores uteis, geralmente pertencem ao Guarany e bem poucos, taes como: pinhão, carvalho e cereja o riograndense tirou do idioma portuguez. Os animaes em parte teem nomes em portuguez, como: como veado branco (cervus campestris), veado pardo (cervus rufus); em parte são do Guarany, como: virá (cervus nemorivagus); em parte foram nomes indios introduzidos das provincias do norte do Brasil pelos primeiros colonos, taes como: bouchi para o macaco uivador (araya do Paraguay).

Emquanto os habitantes Guaranys apparecem como portadores da primitiva cultura no Rio Grande do Sul, evidentemente outras tribus, não relacionadas com elles, habitáram esta provincia, taes como os Minuanos no sudoeste, os quaes se conta entre os indios dos Pampas e que presentemente se sup-

põe desapparecidos, porem devido a elles ainda hoje em Porto Alegre se denomina «minuano» o vento excessivamente frio de sudoeste; e os «Charruas» que consta ainda se encontrarem em pequenos grupos nas já citadas «Missões» no Uruguay. No norte da Provincia, isto é, na Serra ou região montanhosa, e no extenso matto virgem que separa aquelle do terreno plano, encontrou-se «Botocudos» que tambem se distinguiam dos «botocudos» do norte, devido a possuirem no labio inferior apenas um pequeno orificio sem pedaços de pau, dos quaes elles se utilisavam para assobiar. Devido á sua ferocidade elles eram muito temidos e bastante molestaram os primeiros colonos allemães no matto virgem. Parece que actualmente estão completamente affastados e a sua moradia se limita ás provincias de Paraná e Santa Catharina onde especialmente a colonia Brusque tem sido alvo dos seus ataques.

O nome «Serra dos Tapes» a oeste da Lagoa dos Patos parece indicar que primitivamente appareceram os indios «tapes», apparentados com os «guaranys».

Actualmente acham-se desapparecidas todas as citadas tribus de habitantes primitivos ou estão reduzidas a poucos individuos. Entretanto, uma dessas tribus se conserva até hoje, sendo denominada «Coroados» pelos brasileiros.

O nome «coroado» dizem provir de «coroa» e pelos brasileiros é applicado aos indios que trazem tonsura, de modo que a cabeça, calva no centro, ostenta uma coroa de cabellos.

Em varias partes do Brasil se encontram «Coroados». *) Entretanto surge uma questão: São elles identicos ou apparentados? Parece que no Rio Grande do Sul elles immigraram em epoca relativamente moderna, visto que mesmo agora, na região por elles habitada, não se encontra nenhum nome de logar que tenha sua origem no idioma delles. Parece que elles procederam do Nordeste, talvez da provincia do Paraná, e em combate com os já citados «botocudos» leváram estes por deante, tendo-os finalmente conduzido á provincia de Santa Catharina, em parte talvez com o apoio do Governo brasileiro o qual se utilisa delles como meio de combater aquelles perigosos ladrões.

*) Compare: Burmeister — Viagem ao Brasil etc. Berlim 1853 pag. 246.

Os «coroados» são legitimos indios do matto e como taes evitam o campo e a agua. Por isto elles não montam a cavallo nem navegam nos rios. E' verdade que se encontra alguns delles em casas de criadores da Serra ou, empregados como remadores, nos grandes rios da planicie, porem neste caso geralmente elles foram tirados aos paes quando creanças e cresceram no meio dos brancos. O Governo brasileiro se esforçou em fazer sahir dos seus mattos os «coroados» e acostumal-os a logares certos. Por este motivo actualmente no Rio Grande do Sul elles só são encontrados em estado mais ou menos civilisado, aliás em 3 zonas: Nonohay, no alto Uruguay, perto da foz do Rio Passo Fundo; nos Campos do Meio; e na Colonia Militar Caseros, a qual se acha situada no Matto Portuguez, na fronteira entre os Campos do Meio e os de Vaccaria.

Foi em 21 de Maio de 1865 que eu visitei a citada colonia e durante uma semana que passei na mesma tive tempo e opportunidade de conhecer bem os indios. Anteriormente elles tinham habitado bem perto da colonia fundada para soldados negros, porem ha cerca de um anno elles haviam afastado suas choças a uma legua de distancia, visto que se manifestára entre elles uma epidemia de variola que lhes custou muitas vidas. Em tal caso é costume delles queimarem as tendas dos mortos e abandonar a região.

O Governo nomeou directores especiaes para estas colonias de indios, sendo tarefa delles conseguir que saiam dos mattos os indios ainda não vindos á aldeia e acostumal-os á vida de domicilio. Por isto tambem nada se sabe ao certo sobre a quantidade delles, visto que está no interesse dos directores indicar no minimo possivel o numero delles, afim de fazer apparecer bastante a sua propria actividade. Parece que principalmente no alto Taquary e entre este e o Cahy ainda se encontra «coroados» completamente selvagens, como é de suppôr pelos assaltos periodicos, porem agora quasi suffocados, ás colonias allemãs do matto virgem. Entretanto, não é inverosimil attribuir-se alguns desses saques aos indios civilisados, notavelmente os de Caseros que de vez em quando desapparecem de suas colonias sem que na occasião do seu regresso se saiba com certeza onde entrementes haviam permanecido. Tambem não é

raro que escravos desertores se refugiem no matto e então pela necessidade se veem forçados a atacar a propriedade do colono.

No anno 1864 tive pela primeira vez a opportunidade de ver em Porto Alegre pessoalmente os indios da Colonia militar Monte Caseros. O seu cacique Doble, devido aos serviços por elle prestados, havia merecido do Governo a nomeação de brigadeiro e tinha vindo á capital com uma parte de sua gente e com um transporte de cerca de trinta coroados selvagens, afim de vir receber do Governo uma recompensa especial por esta importante captura. Este cacique era um homem muito intelligente e especialmente experto, ao qual seria muito facil tirar do matto todos os coroados selvagens, e só o indio domado está aqui apto a apoderar-se do selvagem; porem, elle pelo minimo serviço exigia alto pagamento e relativamente não se apurava muito na captura dos seus collegas de tribu ainda selvagens, afim de não haver baixa no preço do artigo; assim elle se mantinha constantemente indispensavel. Nesta permanencia em Porto Alegre elles foram infeccionados pelo veneno da variola. Entretanto, a epidemia só se manifestou quando haviam regressado á sua colonia e assim causou grande devastação entre elles, pois os «coroados» como todos os indios procuram alliviar o calor da febre banhando-se em agua fria.

Por occasião da minha visita á Colonia militar consegui descobrir dois dos seus tumulos e abril-os. Um delles pertencia a um individuo commum, de fóra nada indicava o que era. O morto jazia enrolado num velho poncho cerca de 3 pés de fundo, sobre as costas, em posição horizontal, com a cabeça reclinada sobre o peito. A carne estava quasi apodrecida. só um resto do encephalo ainda se achava no craneo. O esqueleto estava em ruinas, porem seus ossos permaneciam em perfeita ordem. O tumulo adjacente, entretanto, pertencia a um chefe respeitavel, de descendencia aristocratica, conforme indicações de habitantes da Colonia militar, e facilmente reconhecivel numa grande mancha de terra tendo varios passos de diametro, onde não havia capim, e em cujo centro se achava o esqueleto na profundidade de 2 pés. Entretanto, os ossos do mesmo estavam completamente misturados. E' costume dos indios desenterrar os ossos do chefe, enterrando-os noutro logar, logo

que a carne tenha apodrecido, e provavelmente elles antes já haviam aberto este tumulo para certificar-se da decomposição das partes de carne e então lançaram os ossos sem ordem. Conforme me informaram, elles tambem queriam no mez seguinte realisar uma grande festa, provavelmente para effectuar a trasladação dos ossos.

A mancha sobre o tumulo tinha sua origem numa festa anterior em memoria do morto, durante a qual houvera danças sobre a cova. Estas festas resultam em brutaes orgias, pois os indios sabem preparar uma bebida inebriante feita de grãos de milho mastigados pelas mulheres e por estas cuspidos num grande tacho. A massa mastigada, devido á saliva que a acompanha, fermenta rapidamente; diz-se que a sua acção embriagante é muito forte. E' severamente prohibido ás mulheres que tomem esta bebida. Nas orgias ellas sempre teem de estar em jejum e formam uma especie de guarda que se lança sobre cada homem embriagado, o amarra e o transporta a uma choça especialmente destinada a isso, afim de assim obstar que entre os ebrios haja derramamento de sangue. Schomburgk conta factos semelhantes a respeito dos «Caraibas» na Guyana.

Os «Coroados» são de estatura extraordinariamente forte e de construcção vigorosa, porem, pode-se dizer, são pequenos em vez de grandes, alcançam no maximo altura mediana. As mulheres sempre são pequenas. Ambos os sexos se distinguem, como todos os indios, pelas suas mãos e seus pés pequenos. O cabello é preto e rigido. Tambem os olhos são pretos ou bem castanhos, não se observa que sejam tortos. O rosto é largo e corresponde á cabeça redonda e algo grande. A testa é baixa, o nariz curto e largo, em alguns individuos menos largo e algo curvo, a bocca larga. Os ossos das faces são mais ou menos avançados, de modo que todo o rosto apresenta o typo um tanto mongolico. Os dentes não são mais afiados que os dos brancos. A cor não é de nenhum modo vermelha, porem como café bem queimado ou como couro cortido; em alguns, principalmente nos mais jovens, ella é da cor de trigo amarello escuro.

As suas choças são montadas sobremaneira elegante e asseiadamente e se distinguem com vantagem das dos brasileiros

mais pobres. Como base da construcção servem dois troncos fracos, cuja estremidade superior está bifurcada. Conforme o comprimento da choça, elles são enterrados pela estremidade inferior. Sobre as fôrcas é collocada uma barra a qual assim forma a cumieira da choça. Ao longo desta linha central estão do lado duas estacas, uma na frente, outra atraz, fincadas no chão, estando tambem bifurcadas em cima, porem só attingem a altura de 2 — 3 pés. Sobre ellas tambem estão barras que supportam a borda inferior do telhado. Sobre este andaime então é collocado o vigamento ou taipa, muito semelhante ao de nossas casas. O telhado é formado de capim secco, comprido, e é bem identico aos telhados de capim comprido, assim como se encontra em nosso paiz no campo. As paredes lateraes baixas da casa e a cumieira bastante alta se compõem de sarrafos semelhantes aos do telhado; em cima tambem são cobertos daquelle capim pelo exterior. A porta se encontra numa das fachadas. O todo, pode dizer-se, é semelhante ás choupanas dos guardas de fructas nas nossas estradas, só com a differença de que nestas o telhado attinge o chão, faltando portanto as paredes lateraes.

No meio do seu territorio ambos sexos andam nus; entretanto, quando se dirigem á companhia dos brancos, são forçados a vestir-se. Então os homens vestem calças e camisa; as mulheres enrolam o corpo, dos quadris para baixo, com um pedaço de panno, de modo que parece terem um vestido, sobre os hombros ellas põem um panno menor, semelhante aos nossos lenços, de cujas quatro pontas juntam duas em nó sobre o peito, que fica livre.

Compete â mulher todo o trabalho domestico, assim como a collecta dos alimentos, a saber, no inverno, isto é, nos mezes de Maio e Junho, quando estão maduras as fructas das araucarias, as quaes então formam o seu principal alimento. Tambem se armazena quantidades das mesmas, porem não na quantidade que permittiria a abundancia das araucarias. Ellas trepam aos troncos altos e sem ramos destas arvores, ligando seus pés por meio duma trepadeira ou corda, da dimensão de um passo largo mais ou menos, e alem disso ainda enlaçam o tronco da arvore com um longo pedaço da corda que ellas seguram com as mãos

em ambas extremidades. As mulheres levam todas as cargas, tambem seus filhinhos, numa faixa larga, ao redor da testa, a qual fica pendurada nas costas e ahi é ligada numa cesta ou panno.

Os homens só se occupam da caça e para isso se servem de arco e flecha e dos cães, sendo que estes não se distinguem daquelles dos brasileiros. Elles não collocam alçapões; atiram nos papagaios com flechas chatas e os apanham de forma bastante singular. Estes passaros preferem certas arvores onde repousam todas as noites em grandes bandos. Sobre tal arvores os indios constroem uma choupana de ramos os quaes são tão bem ligados que os passaros não notam o caçador occulto na choupana. Este acha-se munido de comprida vara, como para pescaria, na extremidade da qual ha um laço. Tendo, pois, os papagaios escolhido o seu albergue nocturno, o caçador os puxa para o interior da choupana, um após outro, por meio do laço e da vara, matando-os até que possua o material sufficiente para a ceia.

As flechas que regulam ter o comprimento de 5', consistem de madeira e canna, estando esta na metade anterior. Ambas peças são reunidas por um barbante o qual é producto das folhas da Palmeira Tucum, pequena e cheia de espinhos; este barbante é muito semelhante ao nosso. A ponta é geralmente de osso; é engenhosamente talhada no osso superior da perna do macaco ou do veado, visto que este osso contem no meio uma parte recta, porem na direcção da articulação superior é singularmente curvo e grosso. Por isto, se pode cortar delle um pedaço bastante longo que é bem recto na sua metade anterior, portanto pode ficar no eixo da flecha, emquanto a metade posterior, devido á sua curvatura, se acha para traz afastada da flecha, portanto funcciona como farpa.

A's vezes elles tambem usam ferro para as pontas da flecha, principalmente laminas de facas. Então estas são afiadas com dois fios e geralmente servem para a caça de animaes maiores, por exemplo, antas ou jaguares. As antas são conduzidas pelos cães e sempre se refugiam na agua, porem os indios são tão ligeiros que não raras vezes precedem e as aguardam á margem do rio.

A mesma agilidade elles desenvolvem na caça aos pecaris. Mostraram-me um velho indio cujas força e ligeireza eram tão grandes que elle ousava capturar os grandes pecaris (dicotyles labiatus) furiosos e tão perigosos aos caçadores, segurando-os vivos pelas pernas trazeiras.

O jaguar, quando velho, não trepa numa arvore quando é perseguido pelos cães, porem aguarda seus adversarios no chão. Neste caso elle é muito perigoso ao caçador: então os indios, como me contaram, só ousam atacal-o quando se acham presentes em maior numero. Então elles se aproximam do animal o mais possivel, collocados em semi-circulo, e atiram ao mesmo tempo suas flechas. O jaguar que, si fôr alvejado por uma só flecha, infallivelmente se lança sobre o atirador, neste caso fica tão indeciso que, em vez de lançar-se sobre os seus inimigos, permanece sentado e procura afastar as numerosas flechas, esforçando-se por arrancal-as; entretanto, é attingido por segunda e terceira salvas e geralmente succumbe, sem ter feito mal aos caçadores. Certamente os indios tambem caçam veados e gutis (dasyprocta aguti), porem não consomem a carne destes animaes, provavelmente por motivos religiosos.

Não obstante serem baptisados todos os «coroados» das colonias, elles não acceitaram nenhum dos ensinamentos da religião christã e se mantem na sua crença anterior e oram a certas estrellas chamadas «tupá». Elles vivem em polygamia. Entretanto, só o cacique costuma ter 3 a 4 mulheres, os restantes se contentam com uma, pelo menos assim é na actualidade. Parentes proximos não casam e elles são muito severos neste ponto. O chefe preside ao casamento, porem esperava-se dentro em breve obter que elles se casassem na egreja. Elles nãc tem sacerdote proprios. Antigamente os «coroados» tinham uma grande tonsura, agora fazem nas creanças pequenas, que já nascem com cabello na cabeça, só uma vez tal tonsura e então deixam crescer de novo e para sempre o cabello.

As mulheres occupam posição muito inferior e dellas não se faz caso. Apesar de se realisarem casamentos, parece que não são tão firmes, pois não ha receio de, na expectativa de recompensa, offerecerem as mulheres a estrangeiros. E' verdade que ha excepções. Um jovem coroado, cuja esposa era a

filha do cacique Doble, a tomou, aliás contra o costume dos indios, quando nella se manifestára a variola, juntamente com os trastes da casa nas costas, e a levou a um ponto distante do matto onde permaneceu ao seu lado e a tratou até estar vencida a doença. A «linda Isabella», pois todos os indios da Colonia Militar teem um nome portuguez alem do indio, ficava muito acanhada e triste, todas as vezes que notava ser ella objecto de observação, e só quando ella ouvia dizer que se contára ao estrangeiro tambem a respeito da sua anterior belleza, deslisava um sorriso saudoso sobre seus traços desfigurados.

Parece que os «coroados», assim como a maioria dos indios, não conhecem piedade para a velhice, pois os habitantes da Serra contavam que na epoca em que o grupo realisava a viagem supra citada a Porto Alegre, faziam parte da mesma 3 anciãos os quaes não resistiam mais as fadigas da longa viagem a pé e eram obstaculo aos demais viajantes. Obedecendo a uma ordem do chefe, os membros mais jovens do grupo mataram os referidos anciãos á margem da Serra e os enterraram no caminho, de modo que o grupo sem demora podia continuar a sua peregrinação. Um outro ancião que pelo menos ainda podia marchar com os demais, foi obrigado a carregar todos os cachorrinhos que durante o percurso uma cadella dera á luz, emquanto os moços vigorosos só levavam as suas armas nas mãos.

Os «coroados», são accusados pelos brasileiros de infieis, falsos e perfidos, e talvez não sem razão, pois o indio tem as suas ideias proprias sobre moral. Entretanto, quando se sabe que entre os estancieiros da Serra era costume que taes indios que estavam alugados a elles como trabalhadores com direito a salario, após conclusão do trabalho ou do tempo de serviço, quando chegada a hora do pagamento, eram conduzidos a um logar solitario, e como pretensos espiões eram fuzilados traiçoeiramente, então não se pode julgar tão severamente a infidelidade dos indios.

A intelligencia dos «coroados» não é pequena e sem duvida elles estão no mesmo nivel que os brancos neste sentido. Elles bem conhecem a montagem das armas de fogo, entretanto elles recusaram recebel-as em troca dos seus arcos e flechas, fazendo a observação bem acertada que uma espingarda

não lhes serve, pois é muito pesada para usar no matto, estala demais, depois de cada tiro se tem de carregar novamente e só com difficuldade se pode substituir a munição. Antigamente os «coroados», assim como os «botocudos», criam que com uma espingarda se podia atirar sem interrupção; por isto tal arma era a protecção mais segura do colono: ao primeiro tiro os indios se dispersavam. Entretanto, agora elles aprenderam que as espingardas sempre teem de ser novamente carregadas e si se quizesse, num combate com elles, atirar-lhes, se perderia. Antes deve-se ter como regra só apontar contra elles. Logo que elles o vem, todos se lançam ao chão, afim de que passem os tiros sobre elles. Durante este tempo pode-se fugir, porem os indios não demoram a levantar-se e continuam a perseguição. Quando elles se approximarem bastante, então se faz novamente a pontaria, os indios repetem a mesma manobra anterior e desta forma já varios brancos, que longe de suas casas haviam sido atacados, conseguiram abrigar-se e obter soccorro.

Quando eu mostrei ao chefe dos «coroados» um revolver que elle nunca havia visto, elle comprehendeu immediatamente, mesmo sem explicação, todo o mechanismo, contou logo a quantidade dos tiros e declarou aos seus subordinados que esta arma era preferivel á espingarda, pois com ella se podia atirar seis vezes sem necessidade de carregar.

Naturalmente não prejudica ao seu alto grau de intelligencia acharem elles incomprehensiveis certas coisas que nos são familiares. Assim, causou-lhes immensa surpreza um perdigueiro que podia tornar a trazer um objecto. Elles acreditavam que o cão comprehendesse todas as minhas ordens. Mais contribuiu para a supposição delles o aspecto do cão, para elles extraordinario, visto que ainda não haviam visto animal com orelhas tão compridas. Quando eu mandei o cão procurar o «perdido», elles julgavam que elle conhecesse os nomes de todos os objectos e trouxesse como um escravo cada um delles, quando lhe fosse mandado. Quando então, por gracejo, eu disse-lhes que o cão podia encontrar qualquer pessoa, ainda mesmo estando ella bem afastada ou escondida, e lhes propuz que um delles se internasse no matto virgem á distancia de varias milhas, pois o cão o encontraria e traria, elles timidamente recuaram alguns

passos, para não estarem tão proximos ao animal mysterioso, e nenhum quiz fazer a experiencia.

Não obstante ser o «coroado», como todo o indio, de caracter sombrio e pouco communicativo e na companhia de estrangeiros toma uma posição de observador, elle não é inimigo jurado da alegria; só é necessario que elle se encontre na roda de conhecidos e ahi se sinta bem á vontade. Quando em certa occasião os indios, como habitualmente, observavam nossa actividade, encontrava-se entre elles um moço alegre, cujos olhos brilhantes e vivos demonstravam claramente o espirito alegre que elle possuia. Elle era o comico do grupo e realmente não lhe faltava talento. Depois que os indios, durante algum tempo, haviam assistido ás nossas occupações, reparei que parecia estarem elles cochichando entre si animada e persuasivamente, emquanto seu semblante denotava especial alegria. Perguntando eu o que havia, elles finalmente empurraram aquelle moço para a frente, emquanto o cacique, no meio das risadas dos demais, declarava que o mesmo sabia fallar allemão. Animando-o eu a mostrar suas habilidades, elle primeiro, como que envergonhado, virava de um lado para outro e rindo a cabeça e o pescoço, até que finalmente, de repente, proferiu uma porção de sons inarticulados, e então, sob a franca gargalhada de seus companheiros, desappareceu rapidamente ao fundo. Não obstante não ter sido lisongeira a representação para o viajante allemão, ella entretanto demonstrou que, para servir-me de uma expressão moderna, o «homo americanus» possue bastante aptidão de cultura intellectual, a qual só aguarda o impulso de fora para fazel-o apparecer como identico ao branco. Na verdade é absoluta a falta deste impulso, pois o modo em que a civilisação geralmente chega ao selvagem é mais proprio para afugental-o do que attrahil-o. Mesmo que ao primeiro contacto com o branco elle sinta respeito deante do poder deste, após mais intimo conhecimento tal sentimento cede logar ao maior despreso. Infelizmente os individuos da raça branca destinados a preparar os indios para a civilisação, em quasi todos os casos são inhabilitados para a sua elevada missão.

Como a expressão mais immediata de particularidade nacional sempre valerá o idioma e o modo como é percebido pelo

ouvido. Difficil é conhecer maior contraste que o aqui existente entre negros e indios. Aquelles, producto das planicies da Africa, tem a voz muito barulhenta que se pode ouvir a grande distancia. Quando dois negros conversam entre si e caminham juntos, é possivel ouvir-se a sua conversação até á distancia de mil passos.

O indio brasileiro é producto das florestas virgens, ameaçadoras de perigos, impenetraveis do seu paiz. Sem barulho e com precaução elle abre caminho no bosque, sempre se esforçando por occultar a sua presença tanto quanto possivel, afim de escapar-se dos seus inimigos, homens ou animaes, ou surprehender a presa com mais segurança. O entendimento entre os companheiros de caça tem de realisar-se no maior silencio possivel. Todo o grito a não ser o de imitação da voz de animal ou o que vale como signal, é prohibido. A voz desce a ligeiro murmurio, e ruidos, só perceptiveis bem proximo, tomam o logar das vogaes altisonantes. Mesmo os labios tomam pequena parte na formação dos sons e muitas vezes, quando os indios estavam assentados ao redor do fogo. só se podia descobrir estarem conversando, observando attentamente a sua bocca. O mais que se poderia perceber era um vago cochicho e murmurio, o que pouco correspondia ás nossas ideias de formação alta. Quando uma vez eu pedi ao cacique que me recitasse uma phrase no seu idioma, pareceu-me que elle só proferia alguns poucos ruidos vocaes. Entretanto, depois elle me declarou que me havia perguntado porque eu sómente colleccionava esqueletos de mammiferos e não tambem os de aves.

Nós possuimos vocabularios dos idiomas de quasi todos os povos do Universo. Entretanto, quem ouviu pessoalmente estes indios fallando, se certificará ser absolutamente impossivel reproduzir pelos nossos signaes de sons, mesmo approximadamente, a lingua delles.

Sem embargo, eu tambem tentei a experiencia de escrever algumas das palavras delles, aliás na persuasão de que um «coroado» difficilmente comprehenderá as palavras que se lhe apresentar.

A maior difficuldade consiste num som nasal no principio da syllaba, o qual eu experimentei indicar por «ng» ou «nj», e

que é tão independente que talvez deverá ser tomado como syllaba especial. Exquisita é por vezes a repetição de uma palavra, que occorre tão ligeiro como são talvez pronunciadas duas syllabas de uma e mesma palavra, da qual não se sabe si é essencial ou si servirá para facilitar ao interrogador a comprehensão da palavra pronunciada. Muito penosa é a interrogação de numeros. Si se quizer saber de um indio, o qual só conhece o seu idioma, como se chama «um», e para melhor comprehensão, se lhe mostra um dedo ou uma arvore, etc.. elle sempre responde como se chama «dedo» ou «arvore». Entretanto, penso que não me enganei na minha tentativa de saber os nomes de alguns numeros.

Apesar de ser insignificante, a seguinte relação de palavras avulsas da lingua dos «coroados» do Rio Grande do Sul, servirá, entretanto, para mostrar a differença que existe entre esta lingua e o Guarany. Quanto á pronuncia das mesmas, observo que as palavras indicadas devem ser lidas como no allemão.

Pae — njog
Mãe — nja
Creança — Idkotchidn
Anta (tapir) — Ojúl. Tambem significa «cavallo», visto que a anta é o maior dos animaes primitivamente conhecidos dos indios. Na significação «cavallo» a palavra muitas vezes foi duplicada «ojulojul», talvez para corresponder ao consideravel tamanho do cavallo.
Cão — honghong, evidentemente onomatopaico, para exprimir a voz do cão. O «h» com forte aspiração, o «g» no fim da syllaba ou palavra, algo audivel, porem não tão pronunciado como «k».
Jaguar — ming
Cuguar — Miguschong
Macaco uivador — (Mycetes ursinus) — ngog
Cebus fatuellus — cajelle
Gato — (felis macrura) — ngluden

Vacca — budniká

porco domestico (não pecari) — nglüggenglügg. Não me foi possivel saber si estes nomes de animaes domesticos que os indios primitivamente não conheciam, foram tirados de animaes indigenas ou si são formados onomatopaicamente; o nome do porco domestico assim parece indicar.

Veado (um dos treis veados da floresta, talvez «Cervus rufus» ou nemorivagus) *Ngambé*.

Grande papagaio — Njonjau ou «njonn-njonn» ou «njonjo»

Pequeno papagaio — Guijain

Arvore — nga ou «inga»

Agua — ngoingoi ou «ngoin-ngoin»

Fogo — pi ou «ping»

Casa — inh ou «ingh»

Faca — Nglonglo ou «nglong-nglong»

Cabeça — idkli

Mão — lningá

Bocca — njedkü ou «njüdká»

Nariz — idniä

Olho — ikarnä

Orelha — idniglengk

Cabellos — ingnain ou «ngain»

Barba — ijuá

Pé — idpen

Um — piel

Dois — ragnglü» ou «nragngli»

Treis — tagtong ou «ntantong»

Quatro — idkomenglü

Os numeros são collocados após.

Em geral diz-se que os «coroades», visto que nunca tiveram posição saliente no Rio Grande do Sul, admittiram no seu idioma muitas palavras do Guarany.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
www.etnolinguistica.org